

ROGER FRANCHINI

RICHTHOFEN

O ASSASSINATO DOS PAIS DE SUZANE

2ª edição

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Roger Franchini, 2011
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2011, 2020
Todos os direitos reservados.

Preparação: Norma Marinheiro
Revisão: Tulio Kawata e Barbara Parente
Diagramação: Vivian Oliveira
Imagem de capa: Kerry Norgard/Arcangel
Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

ADVERTÊNCIA: Trata-se de um livro de ficção baseado em fatos reais.
Qualquer semelhança é mera coincidência.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Franchini, Roger
Richthofen : o assassinato dos pais de Suzane / Roger Franchini. -
- 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2020.
192 p.

ISBN: 978-85-422-1916-6

1. Richthofen, Suzane Von 2. Richthofen (Família) 3. Homicídio
4. Crime I. Título

20-1391

CDD 364.1524

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Homicídio

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A PIADA DE ANDREAS

4. Sobre a sensibilidade afetiva.*

1. A ausência dela.

A sensibilidade afetiva também é geral nos criminosos. Não é que seus efeitos estejam neles completamente ausentes, como imaginam os romancistas ruins. Mas enquanto eles batem no coração dos seres humanos, parecem mudos no peito dos delinquentes, especialmente após o desenvolvimento da puberdade.

O primeiro a se calar é a compaixão pela desgraça do outro, o que, segundo alguns psicólogos, tem raiz no egoísmo. Lacenaire afirmou não ter sentido aversão a nenhum cadáver, tanto quanto ao de seu gato. “A visão de um agonizante não me toca. Eu mato um homem como bebo uma taça de vinho.”

O celular de Suzane tocou por volta das dez e meia da noite de 30 de outubro de 2002. Era Andreas, seu irmão, chamando, conforme tinham minuciosamente combinado.

— Dormiram. Vem me buscar.

— Tem certeza?

— Claro. Apagaram como sempre. Já até chamei na porta do quarto, e nem deram sinal de vida.

Suzane quase achou graça da piada infame, mas involuntária,

* Os textos que abrem os capítulos são excertos de *O homem delinquente*, de Cesare Lombroso (1835-1909).

do irmão. Ela o conhecia bem o bastante para saber que o garoto não seria capaz de construir a frase com intuito de divertir naquele momento tão arriscado.

Quando sentia medo, Andreas carregava o semblante com aquilo que Manfred, o pai, chamava de *Herzlosigkeit*, um sentimento de aparente insensibilidade em relação ao mundo, que o ajudava a focar o problema e traçar objetivos para sua solução.

Andreas admirava o pai por essa característica e queria um dia poder sentir o mesmo desdém pelas coisas. Gostava de ser visto assim; sentia-se forte para tomar decisões.

— A sua felicidade é mais importante que a do outro. Então, nunca hesite em magoar alguém para você ficar feliz. Só avalie qual o prejuízo patrimonial que isso poderá lhe trazer. — Palavras que os filhos nunca esqueceriam.

Já a irmã, dizia o pai, tomou a fraqueza das mulheres. Sempre propensa a sensibilidades que enfraqueciam o caráter.

Marísia, a mãe, repudiava o tratamento que a família alemã do marido dispensava a ela e a seus filhos.

De origem aristocrática, a família desejava uma esposa patriciana para Manfred. Quando ele apresentou a namorada aos parentes, riram da brasilidade descontraída da mulher.

Não adiantou Marísia apresentar suas credenciais genéticas, que traziam o orgulho dos abastados comerciantes árabes. Nem mesmo o título de estudante de Medicina os convenceu a aceitar aquele relacionamento.

No Brasil, a jovem Marísia era admirada por várias famílias ricas, como era a dela. Na Alemanha, por faltar-lhe fidalguia, era tida apenas como uma índia.

Ainda que respeitasse a coragem de Manfred em enfrentar os próprios pais para viverem um grande amor, sentia que ele nunca a perdoara por tê-lo afastado dos seus. Com o tempo, o

carinho e a paixão se consolidaram em ritualísticos cumprimentos educados e contas a pagar. Avós e netos viam-se apenas em raras ocasiões.

— Seu rosto ainda tá doendo, Su?

— Um pouco, mas já passou. Coloquei gelo. Ficou inchado, mas logo vai sumir.

— O papai não devia ter te batido. — Andreas sussurrava palavras de conforto, mesmo tendo a certeza de que seus pais não acordariam. — Fique calma, vai dar tudo certo. A gente vai estar sempre junto, Su, porque você é a única pessoa que tenho na vida.

— Lembra de tudo o que combinamos, Andreas? Vamos te pegar aí em casa e te deixar na *LAN house*. Depois, eu e o Daniel vamos para o motel. Quando a gente terminar, buscamos você de volta.

— Terminar o quê?

Suzane tinha certeza de que o garoto fazia piada da situação.

PLANTÃO NOTURNO DE 30 DE OUTUBRO DE 2002 NO 27º DISTRITO POLICIAL DA CAPITAL

Noite tranquila o suficiente para Eduardo pensar em ir embora antes de terminar o horário de serviço.

O prédio havia algumas horas estava em silêncio, só interrompido ocasionalmente pelo barulho intermitente da impressora matricial do escrivão escondido nos fundos.

A equipe da noite que lhe fazia companhia era a melhor que conseguira encontrar nos últimos anos. Rubens, o delegado, acabara de se formar na faculdade de Direito. Novato na Polícia, calça branca. Branquíssima. Passava a noite trancado em sua sala, estudando para o concurso do Ministério Público.

O frio da noite paulistana invadia o recinto pelas frestas da porta de entrada do DP, trazendo consigo a umidade da neblina que escondia a cidade. Sem novidades naquele turno, Eduardo sentiu que não teria nenhum caso interessante. O frio era melhor que a PM para evitar crimes.

Rubens confiava tanto em Eduardo que o deixava responsável pelo registro das ocorrências. Só no começo da manhã, no fim dos trabalhos, punha-se a assinar todos os BOs feitos pela equipe de plantonistas durante o expediente.

Para manter um bom ritmo de trabalho, os escrivães evitavam polêmicas no preenchimento dos boletins de ocorrência. No caso de dúvidas, elas deveriam ser levadas ao velho investigador antes de incomodar-se o delegado.

À meia-noite, as portas do prédio eram trancadas e as luzes eram apagadas para todos descansarem. Na manhã seguinte, todos estariam prontos para recomeçar o trabalho em seus bicos.

A tarefa mais desgastante que poderia aparecer era um flagrante trazido pela PM. A depender da natureza do crime e do número de envolvidos, toda a equipe teria de ser mobilizada por cinco ou seis horas apenas para formalizar a prisão dos criminosos.

Para evitar isso, Eduardo tinha toda a liberdade para arredondar a história que lhe fosse apresentada e até reduzir o caso a um simples registro. Mais um papel a ser preenchido.

Rubens não aparecia para conversar com os PMS, nem mesmo se o comandante da guarnição implorasse por sua presença. Eram raros os fatos apresentados pelos fardados que se tornavam procedimentos de flagrantes.

Os tenentes sabiam que de nada adiantava comunicar a Corregedoria da Polícia Civil a negligência daquela equipe. Os PMS haviam sido avisados de que Eduardo tinha dinheiro suficiente para bancar a autonomia de que dispunha no distrito. Com tanta grana, podia subornar desde o secretário de segurança até o faxineiro do prédio.

Além disso, era ele quem comprava o jantar dos soldados do patrulhamento, além de arrumar bicos para a tropa e emprestar algum dinheiro quando alguém precisava. O batalhão aprendera que, estando aquela equipe de serviço na delegacia, só deveria aparecer com ocorrências inadiáveis.

Das poucas vezes que Rubens saía de sua sala, a mais previsível era para perguntar se alguém já fora buscar a comida. Eduardo, sempre prestativo:

— O que vai querer hoje, doutor? Pizza? Comida japonesa? Consegui um QRA num restaurante nos Jardins que é de foder a gula. O dono é um *playba*, paga-pau de polícia, amigo meu.

A única reclamação era quanto ao cigarro de Eduardo, que fingia não ouvir os pedidos para apagá-lo. O aviso de Não Fumar pendurado na parede era motivo de escárnio para o investi-

gador. Chegou a tirar uma foto dele próprio apagando uma bituca na placa.

— Ainda está para nascer o governador que vai me impedir de fumar no meu plantão.

Rodrigo, o parceiro investigador, tinha acabado de sair da Academia de Polícia. Ainda desarmado, mostrava vontade de ajudar, perdido em meio ao público e ao crime. Gostava de conversar com Eduardo sobre como fora o começo deste na polícia e tentava descobrir o que deveria fazer para conseguir trabalhar em determinado departamento.

— Como é o trampo no DENARC? Adoraria ir pra lá.

A juventude estampada na pele de Rodrigo contrastava com as rugas de Eduardo. O garoto admirava o companheiro e a dedicação dele ao plantão, embora soubesse que, para subir na carreira, não poderia ficar o resto da vida ao lado dele naquele distrito.

Rodrigo tinha pressa em abandonar o atendimento ao público; era preciso uma fonte de renda fora da polícia, como a frota de táxi que Eduardo possuía. Não tinha dúvidas de que o lucro dos negócios externos deixara o experiente parceiro com a opção de não mendigar vaga nos departamentos de polícia mais rentáveis.

— Um lixo. Sabe o que é acordar sem saber se sua prisão provisória foi pedida? Ou usar o telefone medindo palavras porque não sabe se ele está grampeado?

Havia um tom de frustração naqueles comentários que faziam crescer o temor de Rodrigo pelo Departamento de Narcóticos. Mesmo assim, sentia-se atraído por aquele lugar. Viaturas frias à vontade, com a liberdade de poder levá-las para casa. Isso sim era polícia.

— Tem alguma equipe do DENARC que não seja suja, Edu?

— Não. Nem os polícias que ficam na portaria. Outro dia, cheguei lá e dei bom-dia ao tira da recepção, e ele respondeu: “Quanto é?”.

Riram da piada porque era engraçada. Apesar de não conhecer nenhum policial do DENARC, Rodrigo sabia que a verdade não estava distante do que lhe havia contado o parceiro. Ele queria investigar e deixar de ser o porteiro do plantão. Não lhe dariam uma arma para atender madame assaltada por pivete em semáforo. Considerava isso trabalho de PM. Isso era coisa menor, sem importância.

— Na Narcóticos, tive um parceiro bacana. Compadre do Geleião. Ele mesmo, o Geleião. Esse polícia era quem sabia se a droga apreendida era do PCC. Todas as equipes, quando faziam uma grande apreensão, entravam em contato com o meu amigo para saber se a droga vinha do PCC. Se não fosse, poderiam vender o produto. Caso contrário, deixavam ir embora.

O rapaz mordiscava a tampa da caneta Bic, ouvindo com a atenção de um bom aluno:

— E se ela não fosse do partido?

Eduardo pareceu sorrir ao tentar mirar o infinito do lado de fora do distrito através da porta de vidro escuro. Viu apenas a si próprio e ao parceiro refletidos. Limpou todos os dentes com a língua. Coçou a barba rala do queixo e, jogando o cigarro para o canto da boca, tragou-o com uma pausa para saborear. Depois expirou a fumaça pelo nariz.

— Se não fosse do PCC, então não era de ninguém. Aí não faltava doido querendo comprar. O DENARC tem o melhor preço do mercado.

Rodrigo imaginou que a aversão de Eduardo ao Departamento de Narcóticos poderia ser exagero. Aquela era mais uma das muitas histórias que ecoavam pelos corredores das delega-

cias e que nunca seriam confirmadas. De qualquer forma, o bom humor do parceiro ainda lhe causava surpresa. Após os três meses de aprendizado na Academia esperava encontrar no trabalho pessoas endurecidas, como deveriam ser os policiais.

Apesar das risadas, havia em Eduardo um silêncio que o incomodava. Olhos pesados, espremidos sob as pesadas sobrancelhas, compunham o semblante sempre desafiador do parceiro. As órbitas percorriam o ambiente, como se buscasse um perigo escondido. No começo, Rodrigo não gostava da sensação de estar sendo discretamente vigiado pelo colega. Nas primeiras vezes, assustou-se com os olhares inesperados, pois achou que o velho fosse *gay*.

Com o tempo, percebeu que aquele era um hábito compulsivo do tira, como se quisesse antecipar os movimentos de pessoas indistintas, em uma campana sem fim.

Muitas vezes, a cabeça não acompanhava o movimento dos olhos, apontando em direção diversa do objeto de sua atenção. Apesar de parecer ocupado com um interlocutor qualquer, Rodrigo notava que Eduardo sempre tentava acompanhar um diálogo próximo. Os motivos disso ninguém entendia.

Impossível não parar o que se estava fazendo quando o trovão de sua voz pastosa interrompia as longas horas de mudez. Como fazia agora, por volta das quatro da manhã, ao anunciar o repentino barulho da Blazer estacionando no pátio do prédio.

Quebrando a monocórdica sinfonia daquela madrugada te-diosa, Eduardo maldisse os PMS que entravam pela porta do DP.

— Porra! Logo agora que eu ia dormir?

Os soldados que estavam na rua eram de sua confiança e certamente não estariam lhe trazendo uma ocorrência menor apenas para atrapalhar-lhe o sono. Por isso, àquela hora, só poderiam anunciar más notícias. Todos torceram para que eles apenas quisessem usar o banheiro ou aproveitar o café quente da cozinha.

— Salve!

Eduardo e Rodrigo responderam com sorriso o cumprimento dos três policiais militares que entraram rapidamente no prédio, fechando a porta atrás de si para não deixar o frio passar. Como era praxe, conversaram sobre o movimento das ruas na região e reclamaram da noite congelante dentro da viatura. Eduardo ofereceu o pátio atrás da delegacia para estacionarem e dormirem.

— Obrigado, Edu. Mas acho que a noite será longa. O menino aí já viu um presunto na vida?

— Não. Ele é da nova turma, acabou de sair da Academia. Está na Polícia há menos de um mês. Nem arma lhe deram ainda. — Depois de alguns segundos rindo da condição de Rodrigo, o pesar nos semblantes dos soldados denunciou a dimensão do que iriam anunciar.

— Pois hoje ele terá a chance de ver dois de uma vez. E de mãos dadas. Tenho dezessete anos na firma e nunca vi uma cena assim. As viaturas estão lá na rua Zacarias de Góes, 232. Um casal de bacanas foi encontrado morto na cama. Os filhos tinham saído, e, quando voltaram, encontraram os corpos. Parece que foram mortos a pauladas. Tem café?

— Que sorte, hein, Rodrigo? Seu primeiro homicídio vai ser comigo. Tá pronto pra ser descabaçado?